

# A TRANSPOSIÇÃO DO MÉTODO INDICIÁRIO À AUTOPESQUISA PARA-HISTORIOGRÁFICA: DISSECANDO A RETROSSENHA

Milena Mascarenhas

**RESUMO:** O método indiciário, proposto pelo historiador Carlo Ginzburg (1939–), consiste em, a partir de um dado, dissecá-lo a ponto de construir hipóteses mais complexas não experimentável diretamente. Tal método é utilizado na Micro-História, uma das vertentes da Historiografia, ciência cujo paradigma está assentado na materialidade. Este artigo propõe a transposição do método indiciário na autopesquisa para-historiográfica, ciência assentada no paradigma consciencial. Tal esforço interparadigmático torna-se relevante nas investigações multiexistenciais que exigem técnicas de esquadramento consciencial por parte da conscin, averiguando multidimensionalmente a auto-participação em fatos e parafatos da existência atual, dos períodos intermissivos e das vidas pregressas. O objetivo desta pesquisa é apresentar a transposição do método indiciário à autopesquisa passadológica utilizando o dado ou a fonte da retrossenha pessoal. A fundamentação teórica está calcada nos constructos da Historiografia e Conscienciologia, na qual será apresentado o estudo de caso da autora com os resultados parciais de tal proposição.

**Palavras-chave:** autopesquisa; método indiciário; retrossenha.

## INTRODUÇÃO

**Contextualização.** O interesse na para-historiografia e sua transposição na autopesquisa multiexistencial surgiu ao ministrar a disciplina Para-História e Seriéxis na *Escola de Personalidade Consecutiva* promovida pela Associação Internacional de Pesquisas Seriexológicas e Holobiográficas (CONSECUTIVUS), onde há um esforço, por parte da autora, em mapear métodos promotores de investigação de vidas pretéritas.

**Histórico.** Este artigo é resultado da pesquisa apresentada no dia 12 de abril de 2020 durante a VIII Semana de Autopesquisa Seriexológica, realizada pela CONSECUTIVUS.

**Objetivo.** O objetivo deste artigo é, a partir da transposição do método indiciário utilizado na Micro-História, uma das vertentes da Historiografia, investigar a trajetória holobiográfica na autopesquisa para-historiográfica. Para isso, utiliza-se a hipótese da retrossenha pessoal, ao modo de fonte ou indício de

pesquisa. Espera-se que a transposição paradigmático-metodológica proposta, auxilie outros pesquisadores a aprofundar o autoconhecimento multiexistencial.

**História.** A História é a ciência dos homens ao longo do tempo (Bloch, 2001, p. 55) e pauta-se no paradigma materialista. Erroneamente compreende-se a História ao modo de uma disciplina especializada em estudar o passado, mas Marc Bloch (1886–1944), historiador francês, problematiza essa abordagem ao considerá-la absurda sob o ponto de vista da impossibilidade do passado ser um objeto de estudo, pois, segundo o pesquisador a História é realizada a partir das indagações do tempo presente.

**Para-História.** A Para-História, especialidade proposta pelo pesquisador Waldo Vieira (1932–2015), é ciência, pautada no paradigma consciencial, aplicada ao estudo da História multidimensional, levando em conta aspectos intrafísicos, extrafísicos e multiexistenciais das consciências. Procura através da abordagem integral da realidade compreender os fenômenos conscienciais ocorridos ao longo do tempo.

**Presente.** Análogo à pesquisa historiográfica, que parte de problemas do tempo presente, o estudo da Para-História inicia quando a consciência quer entender e aprofundar o contexto atual e procura indícios ou respostas às questões de sua existência nas próprias realizações do passado.

**Fontes.** As pesquisas no âmbito intrafísico lança mão de um enorme acervo de documentos, registros, livros entre outros artefatos importantes para compor o conhecimento de um dado objeto.

**Consciência.** A consciência é uma realidade complexa, singular, personalíssima pois compõe um somatório de vidas, experiências, relacionamentos, metodologias e genéticas, que a torna única, desafiando os conscienciólogos em pensar formas eficazes de extrair informações relacionadas às vidas passadas.

**Resquícios.** A forma de acessar o passado da consciência, exige a ampliação na coleta de fontes que vão além da materialidade do objeto, observando vestígios, pegadas, senhas, memórias entre outras possibilidades indicadoras de informações correspondentes às retrovidas.

## 1. AUTOPESQUISA PARA-HISTORIOGRÁFICA

**Definição.** A autopesquisa para-historiográfica é a aplicação de técnicas de esquadramento consciencial por parte da conscienciosa investigadora, homem ou mulher, averiguando multidimensionalmente a participação da consciência em fatos e parafatos da existência atual, dos períodos intermissivos e das vidas pregressas, a fim de situá-la no espaço e tempo (Mascarenhas, 2022, p. 249).

**Objetivo.** O objetivo é compreender quando, onde e em quais contextos nas retrovidas, o indivíduo vivenciou, a fim de desvendar a constituição atual da consciência.

**Problema.** Um dos problemas da pesquisa para-historiográfica é a impossibilidade de constatar os fatos retrovivenciados, uma vez que é impossível retornar ao passado. No entanto, o passado pode ser acessado através de mediações (fontes, indícios), seja pelas lembranças retrocognitivas, o acesso a parapsíquica ou nos vestígios contidos no tempo presente (temperamento, traços pessoais, paragenética, entre outros).

**Fonte.** A fonte, no contexto de pesquisa para-historiográfica, consiste em um indício, vestígio e indicação de informações, podendo ser material ou imaterial. Em tese, tudo pode se tornar fonte, conforme afirmação de Bloch (2001, p. 79), “a diversidade dos testemunhos históricos é quase infinita. Tudo que o homem diz ou escreve. Tudo que fabrica, tudo que toca pode e deve informar sobre ele”.

**Fragmento.** O estudo para-historiográfico é realizado com fragmentos, pedaços, porções ou fatias coletadas, exumadas, quantificadas tal qual trabalho arqueológico que, para chegar à totalidade do objeto, muitos cacos foram desenterrados e coletados para se encaixar em um todo coerente.

**Semiótica.** A pesquisa indiciária, comumente, é utilizada nas Ciências em geral. Por exemplo, na Medicina, a partir da semiótica, o médico para chegar ao diagnóstico de uma doença inacessível à observação direta, coleta uma série de indícios. Na Conscienciologia utiliza-se ao modo de técnica de análise dos achados autopesquisísticos (Daibert, 2021), ou seja, reúne-se um conjunto de indícios avaliando a coerência e construindo um corpus de conhecimento.

**Diferenciação.** Já, o método indiciário proposto por Carlo Ginzburg, faz parte da Micro-História, teoria historiográfica que também trabalha com indício, mas diferencia-se no tratamento. O método consiste em, a partir de um dado (escala reduzida de observação), se chegar a uma compreensão global do objeto de estudo. Em outras palavras, parte-se do micro, do particular, do singular e a partir desse dado específico cria-se uma série inferências, interpretações e compreensões.

## 2. APRESENTAÇÃO DO MÉTODO INDICIÁRIO

**Paradigma.** Carlo Ginzburg (1939–), historiador italiano, autor dos livros “*O queijo e os vermes*”; “*Voo Noturnos*”; “*Andarilhos do Bem*”, dentre outros, cujos temas aproximam-se do parapsiquismo, a exemplo das projeções conscientes, além do especial interesse pela história da feitiçaria. Desenvolveu um método

pesquisístico denominado de método indiciário, descrito no livro denominado de “*Mitos, Emblemas, Sinais: morfologia e história*” (*Mitti emblemi spie: morfologia e stori*).

**Vertente.** Cabe salientar, que o Carlo Ginzburg está associado ao gênero histórico ou vertente historiográfica, iniciado na Itália, denominado de Micro-História (Burque, 2005, p. 60).

**Estudo.** A partir desta concepção, Ginzburg descreve os primórdios de um modelo epistemológico que ele denomina de indiciário. Vejamos, a seguir, três personalidades, dispostas em ordem lógica, estudadas por ele, que o inspirou na identificação do método indiciário.

1. **Morelli.** Ginzburg discorre sobre a atuação do médico italiano Giovanni Morelli (1816–1881) no desenvolvimento de um método para discriminar uma obra de arte verdadeira de uma cópia, algo muito comum na época e de difícil precisão nas distinções. O método consistia em identificar os “pormenores mais negligenciáveis”, a exemplo dos lóbulos das orelhas, as unhas, as formas dos dedos das mãos, enfim, características que o falseador se esmera menos em copiar. Então, a partir de um dado (unha ou lóbulo da orelha, ele conseguia identificar se o quadro era verdadeiro ou falso). Para isso, Morelli teria escrito livros com variadas ilustrações de orelhas e dedos catalogando traços que estariam presentes nas obras originais facilitando a identificação dos embustes.

2. **Conan Doyle.** A segunda personalidade pesquisada é o médico inglês, autor e criador das histórias com o personagem de Sherlock Holmes, o Arthur Conan Doyle (1859–1930) que, ao modo de Morelli, se propõe a desenvolver métodos investigativos criminais baseados em indícios imperceptíveis para a maioria, necessitando de muita perspicácia para atribuir significado a determinados sinais ou pistas, a exemplo de interpretar pegadas na neve.

3. **Freud.** A terceira personalidade é Sigmund Freud (1856-1939), austríaco, que conforme o estudo de um ensaio publicado por ele, foi possível constatar a leitura dos textos de Morelli, sofrendo influência no desenvolvendo dos princípios da psicanálise, conforme expõe neste trecho ao comparar o seu método com o de Morelli “também tem por hábito penetrar em coisas concretas e ocultas através de elementos pouco notados ou percebidos, dos detritos ou “refugos” da nossa observação” (Freud apud Ginzburg, 1989, p. 147), a exemplo da análise do inconsciente, a captação de algo mais profundo, porém não aparente.

**Convergência.** O pesquisador Carlo Ginzburg, ao estudar essas três personalidades, deparou-se com certas similaridades nas abordagens metodológicas pois,

nos três casos, pistas talvez infinitesimais permitem captar uma realidade mais profunda, de uma forma inatingível. Pistas: mais precisamente, sintomas (no caso de Freud), indícios

(no caso de Sherlock Holmes), signos pictóricos (no caso de Morelli). [...] Nos três casos, entrevê-se o modelo da semiótica médica: a disciplina que permite diagnosticar as doenças inacessíveis à observação direta na base de sintomas superficiais, às vezes irrelevantes aos olhos do leigo (Ginzburg, 1989, p. 150 e 151).

**Origem.** As raízes desse paradigma eram muito antigas, desde a condição do humano enquanto um caçador quando precisava desenvolver percepções além da visibilidade, a partir de vestígios deixados por pegadas, cheiros, galhos quebrados enfim, aperfeiçoando um saber venatório “capacidade de, a partir de dados aparentemente negligenciáveis, remontar a uma realidade complexa não experimentável diretamente” (Ginzburg, 1989, p. 152). Quanto a Antiguidade, o autor cita os textos divinatórios chamando a atenção de que ambas as competências, seja em *decifrar* significando voltar-se ao *passado*, seja *adivinhand*o significando voltar-se para o *futuro*, contém as mesmas operações intelectuais.

**Método.** O método indiciário consiste em desenvolver um saber conjectural, a partir dos resíduos, das pistas, dos dados marginais, nas trivialidades pouco observadas, do entorno, do pequeno, do implícito enfim, dos pormenores normalmente negligenciáveis. Indo da parte para o todo, do micro para o macro. Pois, esses indícios, seriam mais ricos por tratar-se do núcleo íntimo da individualidade.

**Escala.** Conforme exposto anteriormente, o método indiciário não consiste somente em pesquisar um *recorte reduzido da realidade* (pois, em tese, qualquer pesquisa exige delimitação). Trata-se de pesquisar *a partir do recorte reduzido da realidade*, com o intuito de ir além do objeto micro-localizado.

**Didática.** Atinente à *Didática*, o pesquisador pode, por exemplo, estudar o oceano observando as várias partes que o compõe ou poderá aplicar o método indiciário no contexto da Micro-História, que é pesquisar “uma gota d’água para enxergar algo do oceano inteiro” (Barros, 2007, p. 170).

**Problema.** Refletindo sobre esse método, surgiu o seguinte questionamento: é possível realizar a transposição do método indiciário proposto por Ginzburg para investigar hipóteses multiexistenciais no contexto do paradigma consciencial? No caso afirmativo, de que maneira, a partir de um dado reduzido, extraído da autopesquisa, poderia indicar conjecturas relacionadas às retrovidas ou rastrear dados das vidas pretéritas?

**Dado.** Diante de tais questionamentos, esta autora, selecionou um dado da autopesquisa, correspondente a retrossenha pessoal, por entendê-la variável chave para identificar a *virada de chave* na holobiografia.

**Paradigma.** Importa ressaltar, que a Conscienciologia cujo paradigma consciencial está assentado nas premissas da autoexperimentação, da holossomaticidade, da realidade bioenergética, da multiexistencialidade e da multidimensionalidade, torna o estudo da consciência um campo profundamente complexo. Inúmeras fontes de pesquisa (indícios) podem ser utilizadas para se autoconhecer, desde uma experiência projetiva, um traço pessoal, uma característica genética, entre outras inúmeras possibilidades. Portanto, não há nessa pesquisa, a pretensão de que o dado escolhido abarque a totalidade da autopesquisa, mas sim, refletir sobre uma fração da realidade consciencial.

**Escolha.** A escolha da retrossenha, utilizada ao modo de um indício da autopesquisa para aprofundar, deu-se em razão de considerá-la significativa para identificar os rastros passadológicos. Pois, segundo Fernandes (2021, p. 481), existe uma relação íntima da retrossenha com a retrovida crítica, ou seja, com a vida pretérita em que a consciência iniciou a virada evolutiva para melhor. Desta forma, estudar a retrossenha significa compreender a linha em que nos saímos melhor e que, possivelmente tem relação com as tarefas evolutivas atuais.

### 3. ESTUDO DE CASO

**Retrossenha.** O conceito de retrossenha foi proposto por Vieira (2009, p. 19.752) que consiste em:

[...] marca, indicação, palavra ou fórmula criada pela própria conscin lúcida, para si mesma, previamente condicionada para ser usada como sinal de reconhecimento autocognitivo, capaz de dar a entender certa ideia relevante, ou de chegar ao conhecimento de algo importante, a partir de determinada vida para as próximas, na sequência das existências humanas sucessivas, no âmbito do esquema evolutivo da Seriexologia.

**Técnica.** A hipótese foi identificada no curso *Identificação da Retrossenha Pessoal* criada em 2013 pela CONSECUTIVUS, cuja técnica consiste em levantar dados pessoais relacionados aos traços, a autobiografia, a grupocarmometria, e a historiometria compondo uma síntese com três principais holopenseses organizados em círculos. A partir disso, se estabelece pontos de interseção desses holopenseses resultando no campo central a hipótese da retrossenha pessoal (Fernandes, 2020, p. 485).

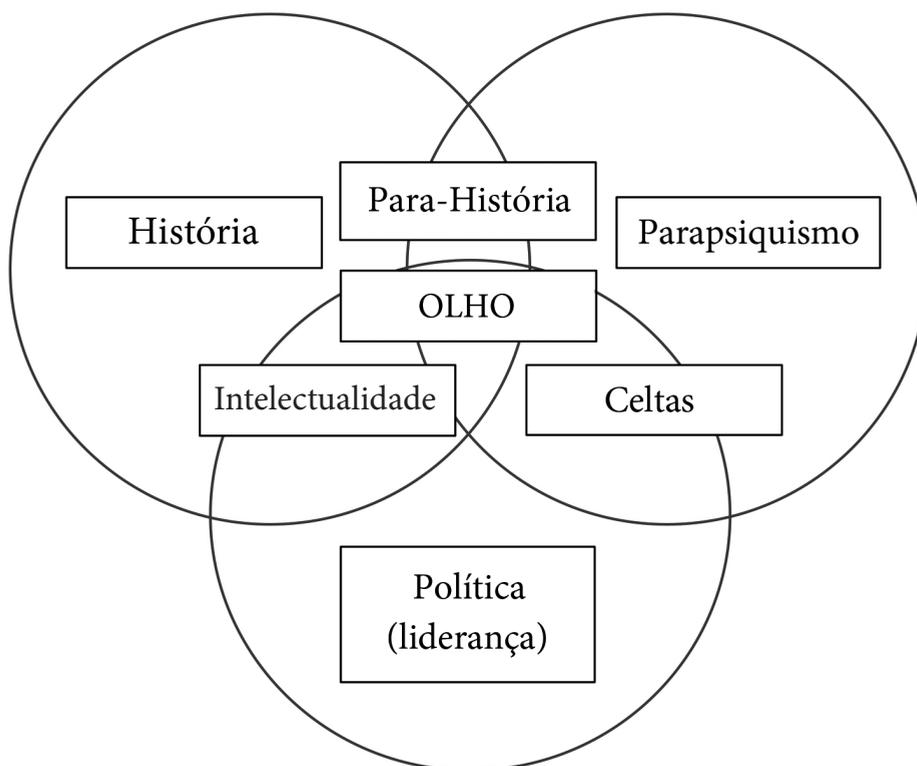
**Autopesquisa.** Após passar pelas dinâmicas que subsidiaram com diferentes fontes de autopesquisa, a autora identificou a hipótese de retrossenha. Eis, a seguir, a título de exemplificação, a apresentação das conclusões.

**Holopenses.** Os 3 principais holopenses identificados foram: História, Parapsiquismo e Política. Ao cruzar o holopense da História com a Política resultou na intelectualidade. Ao cruzar o holopense do Parapsiquismo com a Política gerou o grupo Celta. E ao cruzar o holopense da História com o Parapsiquismo gerou a Para-História.

**Singularidade.** É importante frisar que, as associações holopensênicas não ocorrem de maneira direta ou automática, dada a singularidade do percurso semiológico de cada consciência. As conclusões dos cruzamentos foram alcançadas após sucessivos debates que partiram da história pessoal (fatuística e parafatuística).

**Retrossenha.** Após as intersecções holopensênicas, a palavra resultante foi *olho*, elegendo ao modo de hipótese de autossenha multiexistencial. A retrossenha é a resultante dos holopenses identificados, “o elemento comum entre os campos semânticos de todos os holopenses [...]” (Fernandes, 2020, p. 487).

**Exemplologia.** A título de ilustração segue abaixo as variáveis identificadas no curso descritos acima:



**Figura 1:** Representação dos círculos e intersecção holopensênicas a partir da técnica de identificação da retrossenha pessoal.

**Singularidade.** Reforçando, o cruzamento entre holopenses e a eleição da retrossenha, não se dá de maneira direta e/ou automática, ou seja, precisa ter relação com a Holobiografia da consciência, portanto, se outro pesquisador identificar os mesmos holopenses. A trajetória Seriexológica de cada consciência é única e com base dessa singularidade histórica da consciência, chega-se a retrossenha.

**Palavra.** O vocábulo tem que ser capaz de evocar uma ideia relevante de autorreconhecimento cognitivo, contribuindo no acesso à Holomemória, existindo certa coerência com todas as variáveis pesquísticas angariadas até o momento.

**Ratificação.** Somando a hipótese inicial da palavra elegida para a retrossenha, outro indício que reforçou essa hipótese se deu em um segundo curso denominado de *Imersão Autorretrocognitiva* também promovido pela CONSECUTIVUS, onde existe uma predominância de técnicas parapsíquicas dentro do Laboratório de Autorretrocognição do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia (CEAEC) realizado em 2015. Onde as parapercepções somaram-se aos elementos identificados anteriormente.

**Fonte.** Importa ressaltar, no contexto desta pesquisa, que a hipótese de retrossenha pessoal foi utilizada ao modo de fonte (indício), ou seja, partiu-se desta variável autopesquisística para a transposição do método indiciário no contexto da autopesquisa para-historiográfica.

#### 4. TRANSPOSIÇÃO DO MÉTODO INDICIÁRIO

**Dissecar.** O método indiciário consiste em dissecar em pormenores o objeto de estudo e aprofundar a pesquisa a partir de uma micro variável (não se trata de diminuir a escala de observação e sim, partir do micro). Recorrendo ao exemplo de Morelli descrito por Ginzburg, o perito em arte, parte na pesquisa da *unha* reproduzida pelo artista no quadro, dissecando seus componentes, investigando suas formas e composições exaustivamente para então, compreender o quadro na totalidade.

**Retrossenha.** O método indiciário transposto para a autopesquisa para-historiográfica significa, a partir de um elemento micro, neste caso optou-se pela retrossenha, dissecá-lo ao máximo, para então, a partir dele, compreender elementos holobiográficos.

**Problematização.** Esta pesquisa contribui para que o autoinvestigador, a partir da transposição de um método utilizado na Historiografia, tenha mais subsídios para aprofundar os conhecimentos sobre o seu passado, destrinchando variáveis já identificadas e testando hipóteses sob diferentes abordagens.

**Didática.** Com o intuito de tornar didática a transposição do método indiciário na autopesquisa para-historiográfica, apresenta-se a trajetória experimentada pela autora partindo da retrossenha utilizado ao modo de objeto/fonte para investigar os contextos multiexistenciais.

**Trajectoria.** A autora seguiu a pesquisa, a partir de três vertentes, dispostas a seguir em ordem alfabética:

1. **Autobiografia.**
2. **Bibliografia.**
3. **Para-Historiografia.**

**Apresentação.** A seguir a apresentação das variáveis analisadas em cada uma das vertentes citadas:

1. **Autobiografia.** A pesquisa autobiográfica consistiu em um levantamento da história de vida pessoal que tivesse de maneira direta ou indireta relação com a retrossenha (figura 2).

**Exemplologia.** Ao analisar a formação acadêmica da autora (graduada e pós-graduada em História) pode-se pesquisar a etimologia da palavra, no caso, *histor* do grego significa testemunha no sentido de “aquele que vê” (Le goff, 2003, p. 18). Neste caso, óbvia associação com a retrossenha “olho”.



**Figura 2:** Representação dos principais fatos da autobiografia associados à hipótese da retrossenha pessoal.

2. **Bibliografia.** A pesquisa bibliográfica consiste em ler e pesquisar sobre o tema, aprofundando o conhecimento sobre a história e fisiologia do *olho*.

**Exemplologia.** Eis três exemplos de livros que ilustram diferentes facetas de estudo sobre o mesmo tema:

A. **Biográfico.** *A história da minha vida* de Hellen Keller. *Estudar* a percepção de quem não enxerga.

B. **História.** *O Olho: uma história natural da visão* de Simon Ings. *Estudar* a fisiologia do olho.

C. **Parapsiquismo.** *A 3ª visão* de T. Lobsang Rampa. *Estudar* a relação do olho com o parapsiquismo.

3. **Para-Historiografia.** Pesquisa para-historiográfica de possíveis retroeventos com base nos holopenses identificados no curso *Identificação da Retrossenha Pessoal*.

**Síntese.** Eis a seguir, dispostos em ordem lógica, o quadro síntese biográfico pinçando o elemento da retrossenha na trajetória atual.

	Holopense	Registro historiográfico
1.	História	<ul style="list-style-type: none"> <li>● <b>Etimologia.</b> <i>histor</i> do grego significa testemunha no sentido de “aquele que vê” (Le Goff, 2003, p. 18).</li> <li>● <b>Simbologia.</b> Segundo o Dicionário de Símbolos (Lexikon, 1978, p. 148), o olho direito foi associado muitas vezes à atividade, ao futuro e ao Sol; o esquerdo, à passividade, ao passado e à Lua.</li> <li>● <b>História.</b> Segundo a Mauad (2012, p. 264) “A partir de Heródoto, a evidência histórica se tornou uma questão do olho e da visão. No Século XX observamos um deslocamento de evidência histórica do olho para o pensamento, da visão para a reflexão, do visível para o não visível”.</li> <li>● <b>Memória.</b> Segundo Le Goff (2003, p. 449) ao se referir a memória “como uma mulher de três olhos que pode ver as coisas passadas, presentes e futuras”.</li> <li>● <b>Anacronismo.</b> Para evitar o anacronismo é necessário <i>ver a partir do olhar do outro</i>.</li> </ul>
2.	Liderança / Política	<ul style="list-style-type: none"> <li>● <b>Egito.</b> Na mitologia egípcia a representação simbólica do olho, conhecido como “Olho de Hórus” significa poder e proteção. Em luta com o tio Seth, este arrancou o seu olho esquerdo lançando-o para o céu passando a ser a lua.</li> <li>● <b>Viking.</b> Na mitologia nórdica, o Odin, principal deus, foi pedir a Mimir, o guardião da fonte (detentor de todo o conhecimento do passado e do futuro) para tomar um gole da mágica água da sua fonte. Mimir autorizou em troca de um sacrifício, um dos seus olhos. Odin não hesitou e arrancou seu olho e se tornou a forma simbólica da lua. Tornou-se um ser capaz de ver o mundo exterior com o olho normal e compreender o mundo interior com seu olho removido.</li> <li>● <b>Celta.</b> Na mitologia celta, o Deus Lug (o mais popular entre os celtas) em batalha com Balar (demônio) acertou com a lança o olho dele matando-o. Tornando-se o portador da lança e do olho.</li> <li>● <b>Mesopotâmia.</b> A Lei de Talião “olho por olho, dente por dente”, referência ao próprio símbolo da justiça (mulher vendada segura os pratos da balança na busca do equilíbrio).</li> </ul>

3.	Parapsiquismo	<ul style="list-style-type: none"><li>● <b>Cirurgia.</b> Com o objetivo de estimular a clarividência, cirurgias eram realizadas no meio da testa para a abertura do terceiro olho (frontochacra) “Agora és um de nós, Lobsang. Durante o resto da tua vida poderás ver as pessoas tal como são e não como pretendem ser” (Lobsang Rampa, s/d).</li><li>● <b>Memória.</b> Segundo o Kalapalo, logo no início de seu treinamento os feiticeiros pingam em seus olhos uma substância amarga, encontrada em um órgão interno do peixe traíra (do gênero Hoplias), que os faz esquecer quem são seus parentes (Guerreiro Jr., 2012).</li><li>● <b>Centros oraculares.</b> O oráculo de Delfos.</li><li>● <b>Parapsíquicas.</b> Divindades oraculares. Videntes, adivinhas, profetisas, sibilas, druidesas.</li><li>● <b>Poder.</b> Os Druidas praticavam em certos casos a mutilação voluntária de um olho, com o objetivo de reafirmar o poder sobrenatural.</li><li>● <b>Práticas.</b> Sonhos premonitórios, visões oníricas (oniromancia), magia adivinhatória, leitura de sinais visíveis (entranhas de animais, voo de pássaros), cleromancia, metoscopia.</li><li>● <b>Cura.</b> Entre os Celtas, a magia e a cura estavam conectadas, utilizam a planta Selago para doenças dos olhos e para afastar qualquer fatalidade. Titus Janianus foi uma espécie de oftalmologista celta.</li></ul>
----	---------------	---

**Tabela 1:** Dados Para-historiográficos relacionados com a retrossenha pessoal.

**Hipóteses.** A partir do levantamento e estudo das três vertentes apresentadas é possível inferir certa trajetória holobiográfica, desta forma pode-se questionar, por exemplo, sobre o curso grupocármico.

**Curso.** O curso grupocármico é o conjunto dos estágios da consciência dentro do grupo consciencial evolutivo (Vieira, 1994, p. 626).

**Holocarma.** No contexto da Holocarmologia, dentro da lei de causa e efeito, toda a consciência tem uma conta-corrente aberta, variando o percentual das instâncias, dívidas e saldos. Assim, necessita-se apreender os estudos e pesquisas da conta-corrente holocármica da consciência em evolução, abarcando a egocarmalidade, a grupocarmalidade e a policarmalidade.

**Estágios.** Dentro dessa premissa, trabalha-se com cinco estágios ou fases dentro da grupocarmalidade, dispostos a seguir em ordem lógica.

1. **Interprisão.** A fase da interprisão grupocármica é gerada por ações anticosmoéticos.

2. **Vitimização.** Na fase da vitimização a consciência passa a ser vítima dos seus próprios atos anticosmoéticos.

3. **Recomposição.** Na fase da recomposição a consciência assiste as antigas vítimas.

4. **Libertação.** Na fase da libertação a consciência consegue sentir mais alívio nas pressões extrafísicas dos assediadores.

5. **Policarmalidade.** Na fase da policarmalidade a consciência atua assistencialmente com vários grupos evolutivos, aplicando na prática o senso universalista, já não pedindo mais para si.

**Interpretação.** Tendo a palavra “olho” como hipótese de retrossenha, esta autora levantou hipóteses, com base nas experiências parapsíquicas e revisão bibliográfica, de possíveis contextos, em vidas passadas, geradores de interpretação grupocármica. Os campos identificados, no caso pessoal, estariam relacionados a rituais parapsíquicos, belicismo e memoricídio.

**Recomposição.** Dessa forma, é possível criar relações ao processo relacionado a linha de recomposição. A exemplo de atuações relacionados ao desenvolvimento do parapsiquismo lúcido, reciclagens dos traços relacionados ao belicismo e registro para-historiográfico.

**Acertologia.** O mesmo processo dedutivo pode ser feito com os possíveis acertos relacionados a retrossenha, aja vista que o objetivo é, a partir da identificação da palavra (vestígio holobiográfico), acessar informações relevantes para a vida atual, úteis do ponto de vista evolutivo, pois trata-se de um campo semântico cuja essência acompanha a consciência por um longo tempo na seriéxis (Fernandes, 2021, 482).

**Semântica.** Para aumentar a cognição relacionada a retrossenha, Fernandes (2021, p. 487) sugere, a consulta de *dicionários de ideias afins*. Desse modo, ao aplicar a retrossenha “olho”, identificou-se, dentre outras, 50 palavras relacionadas a seguir, dispostas em ordem alfabética:

01. Aparecer
02. Aparição
03. Bastidores
04. Brilhar
05. Campo de observação
06. Cegueira
07. Clarividência
08. Daltonismo
09. Desaparecido
10. Deseclipsar
11. Desofuscar
12. Desvelar
13. Entrever
14. Espectador
15. Espiar
16. Espionar
17. Fotofobia
18. Hipermetropia
19. Ilusão de ótica

20. Ilusionismo
21. Lanterna
22. Lente
23. Lúcido
24. Luneta
25. Lupa
26. Microscópio
27. Miopia
28. Miragem
29. Monóculo
30. Observar
31. Oculista
32. Panorama
33. Perder de vista
34. Perspectiva
35. Ponto de vista
36. Prosopografia
37. Quatro olhos
38. Revelar
39. Sentinela
40. Telescópio
41. Testemunha
42. Translucidez
43. Vaticínio
44. Vidente
45. Vigia
46. Vir à luz
47. Visão fantasmagórica
48. Visível
49. Vislumbrar
50. Vista

**Expressões.** Exercício válido que também contribui na cosmovisão ideativa é a análise dos provérbios, ditados ou expressões populares relativas à palavra identificada. Eis, a título de exemplo, 12 expressões dispostas a seguir em ordem alfabética:

01. **Antipatia.** *Pimenta nos olhos dos outros é refresco.*
02. **Aparecer.** *Quem não é visto, não é lembrado.*
03. **Aparência.** *Nem tudo o que reluz é ouro.*

04. **Gula.** *Ter os olhos maior que a barriga.*
05. **Honestidade.** *O que você não vê com os seus olhos, não testemunhe com a sua boca.*
06. **Ilusão.** *O que os olhos não veem o coração não sente.*
07. **Obnubilação.** *O amor é cego.*
08. **Privilégio.** *Em terra de cego, quem tem um olho é rei.*
09. **Relatividade.** *A beleza está nos olhos de quem vê.*
10. **Transparência.** *Os olhos são a janela da alma.*
11. **Universalismo.** *Fazer bem e não olhar a quem.*
12. **Vingança.** *Olho por olho dente por dente.*

**Indícios.** No paradigma indiciário tudo pode ser vestígio pesquisístico, e o olhar periscópio proporciona uma visão de conjunto sobre o tema de pesquisa. Portanto, a captação dos detalhes, do entorno, do ocultado fornece dados para as associações de ideias e conexão das informações.

**Aprofundamento.** Outra abordagem é aprofundar em novas camadas da autopesquisa, mais relacionada a intraconsciencialidade, que é a qualidade íntima da consciência compondo os atributos mentaisomáticos, psicossomáticos, energéticos, somáticos, cosmoéticos e parapsíquicos (Mascarenhas, 2019, p. 71).

**Método.** No âmbito da Conscienciologia, pode-se afirmar que não há nenhuma variável e método que dê conta, de maneira isolada, da complexidade do estudo da consciência. A pesquisa descrita nesse artigo, é uma possibilidade, dentre inúmeras, de acessar peças de *puzzle* que é a história da própria consciência.

**Camadas.** Em vista disso, o recorte aqui exposto, elegeu-se uma variável de autopesquisa (retrossenha) e associou-se com dados autobiográficos, bibliográficos e historiográficos. O próximo passo é aprofundar a autopesquisa a partir do meta-olhar, ao realizar a autoinvestigação do ato de ver.

**Citaciologia.** Segundo a pesquisadora Amy Herman (2006, s/p.) “Não há duas pessoas que vejam uma coisa exatamente da mesma maneira. Da nossa herança biológica dos vieses que desenvolvemos, tudo influencia nosso modo de ver e agir no mundo”. Logo, não existe uma maneira certa ou errada de olhar, mas existe uma singularidade no ato de ver.

**Olhar.** Desse modo, a particularidade em ver e o que ver, pode estar associada a processos intraconscienciais, construídos ao longo da trajetória holobiográfica (especificidades dos contextos retrovivenciados), portanto, existe um amplo campo de pesquisa a ser desvendado.

**Questionamentos.** Partindo dessa premissa, que o *olhar* ou o *ver* são ações singulares, os seguintes questionamentos podem ser feitos com o objetivo de aprofundar a autopesquisa, a partir dos dados levantados até o presente:

1. **Pegadas.** Quais vestígios do meu passado estão no meu olhar?
2. **Qualificação.** De que modo posso qualificar a perícia de observação, percepção e comunicação?
3. **Perspectiva.** De que forma vejo o mundo? O que é essencial para mim?
4. **Filtros.** Quais são os filtros perceptivos que molda minhas próprias experiências?
5. **Cegueira.** A minha cegueira é para qual área?
6. **Desempenho.** De que maneira posso treinar o olhar para aumentar o desempenho evolutivo?

**Paradigma.** O paradigma consciencial extrapola, evidentemente, qualquer método proposto pela ciência convencional. Se, Carlo Ginzburg propõe a partir do micro reconstituir a História de um sujeito, o pesquisador conscienciológico, a partir de uma variável pode inferir e refletir a constituição para-historiográfica da consciência.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

**Método.** O método indiciário desenvolvido pela Micro-História, especialidade da Historiografia, permite captar aspectos não percebidos ou não óbvios pois, trata-se de investigar o objeto de pesquisa a partir de uma redução na escala de observação de pesquisador. Inserido na ciência convencional, o método serve para compreender algo externo ao investigador e nos limites do paradigma materialista.

**Paradigma.** Ao transpor esse método para a autopesquisa consciencial cujos aspectos multiexistenciais, multidimensionais, bioenergéticos e holossomáticos são considerados, a análise do exame micro-localizado de uma realidade da consciência tende a ampliar sobremaneira.

**Indício.** O indício, analisado na autopesquisa para-historiográfica, pode ser um traço pessoal, uma vivência, uma retrocognição, enfim, um dado em que o interessado irá se debruçar, empreendendo para tal a redução da escala de observação, com o intuito de extrair dados ou informações sobre a própria consciência que podem passar despercebidos (por não serem óbvios), mas são considerados importantes para rastrear as vidas pretéritas.

**Transposição.** A autoexperimentação realizada, a partir da transposição do método indiciário proposto no campo historiográfico da Micro-História, trouxe um olhar analítico, microscópico de uma variável pinçada da autopesqui-

sa, no caso, a retrossenha. Utilizá-la ao modo de indício de pesquisa possibilitou dissecar a palavra compreendendo-a sob diferentes ângulos e abordagens gerando novas camadas de indagações/perguntas anteriormente não contempladas. A pesquisa da retrossenha “olho” permitiu ampliar a cognição sobre o assunto tal qual traços intraconscientes passíveis de serem superados, descartados ou ampliados.

**Questionamento.** Você já buscou enxergar algo da sua realidade multiexistencial a partir de um fragmento da sua consciência? Em qual variável da sua autopesquisa colocaria as lentes microscópicas para investigar?

## REFERÊNCIAS

- Barros, J. (2007). Sobre a Feitura da Micro-História. *Revista Opsi*, vol. 7, 167-185. <https://doi.org/10.5216/o.v7i9.9336>.
- Bloch, M. (2001). *Apologia da História, ou, O Ofício de Historiador*. Jorge Zahar.
- Burque, P. (2005). *O que é História Cultural?*. Jorge Zahar.
- Daibert, A. (2021). *Autopesquisa Indiciária*. In: Vieira, W. (Org.). *Enciclopédia da Conscienciologia*. <http://encyclossapiens.space/buscaverbete>.
- Fernandes, P. (2021). *Serioxologia: Evolução Multiexistencial Lúcida*. Editares.
- Ginzburg, C. (1989). *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. Companhia das Letras.
- Guerreiro, A. R. (2012). *Ancestrais e suas sombras: uma etnografia da chefia kalapalo e seu ritual mortuário*. Universidade de Brasília. <https://repositorio.unb.br/handle/10482/10711>.
- Herman, A. (2016). *Inteligência visual: Aprenda a arte da percepção e transforme sua vida*. [edição eBook]. Zahar.
- Ings, S. (2008). *O olho: uma história natural da visão*. Larousse.
- Keller, H. (2008). *A história da minha vida*. José Olympio.
- Le Goff, J. (2003). *História e memória*. Unicamp.
- Lexikon, H. (1978). *Dicionário de Símbolos*. Cultrix.
- Mascarenhas, M. (2019). *Intraconsciencialidade*. In: Polizel, C. (Org.), *Diretrizes da Autogestão Existencial* (71-85). Editares.
- Mascarenhas, Milena. (2022). *Fundamentos da Para-História*. Editares.
- Mauad, A. M. (2012). *História e fotografia*. In: Cardoso & Vainfas (Orgs.), *Domínios da História* (263-281). Elsevier.
- Rampa, L. (s.d). *A 3ª visão*. Record.

Vieira, W. *Retrossenha Pessoal*. (2009). Enciclopédia da Conscienciologia. <http://encyclossapiens.space/buscaverbete/>.

Vieira, W. (1994). *700 Experimentos da Conscienciologia*; Instituto Internacional de Projeciologia.

**Milena Mascarenhas** é Historiadora, Doutora em Sociedade, Cultura e Fronteiras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE / Foz do Iguaçu), Mestre em História (UNIOESTE / Marechal Cândido Rondon), pós-graduada em História da Educação Brasileira (UNIOESTE / Cascavel) e Graduada em História pela FAPA em Porto Alegre, RS. Autora dos livros *Fundamentos da Para-Historiografologia* (2022); *História da Ponte Internacional da Amizade: representações de um espaço binacional* (2021); organizadora e co-autora dos livros *Projeto de Vida para Jovens* (2015) e *Lugares de Memória* (2022). Voluntária e docente da Associação Internacional de Pesquisas Serioxológicas e Holobiográficas (CONSECUTIVUS) e do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia (CEAEC). Verbetógrafa da Enciclopédia da Conscienciologia; autora de artigos e capítulos de livros conscienciológicos.

